



VOCABULÁRIO DE TERMOS ESPECIALIZADOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Victor Rafael do Nascimento Mendes
João Bosco Figueiredo Gomes

1 INTRODUÇÃO

O *Vocabulário de Termos Especializados da Língua Brasileira de Sinais* faz parte da de dissertação de mestrado em letras, de Nascimento-Mendes (2018), orientado por Figueiredo-Gomes, que tem por objetivo apresentar vocabulário e proposta de glossário de termos dos estudos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Neste texto, apresentamos a culminância de nossa proposta para a produção de um vocabulário bilíngue de termos compostos da LIBRAS.

A justificativa para isso é que os estudos em perspectiva teórica da Língua Brasileira de Sinais ainda são recentes e pouco conhecidos, tendo ganhado maior notoriedade e avanço no início do século XXI, mais precisamente em 2002, quando através da Lei 10.436, de 24 de abril, a LIBRAS foi reconhecida como língua oficial da comunidade surda e como segunda língua do Brasil.

Por ser uma língua pouco conhecida em nosso país, a LIBRAS precisou de outro grande incentivo legal, que a impulsionou para os bancos universitários e cursos de formação de professores. Para isso, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no ano de 2005, decretou que a LIBRAS deveria ser disciplina obrigatória para cursos de licenciaturas e fonoaudiologia, e opcional para os demais cursos em bacharel, sendo este o Decreto de Lei 5.626, publicado em diário oficial da união em 22 de dezembro.



Justamente por ser uma língua que não é de domínio de boa parte dos brasileiros, muitos acadêmicos e estudiosos que estão a iniciar seu trânsito nas leituras teóricas da LIBRAS se deparam com termos pouco conhecidos, que são específicos da área, sem compreendê-los em sua totalidade. A partir disso, surgiu-nos as seguintes indagações: quais são os termos técnicos compostos da LIBRAS, escritos em língua portuguesa, em uso no meio científico brasileiro? Quais são os equivalentes desses termos em LIBRAS (datilologia)?

Embora existam glossários e dicionários em Língua Brasileira de Sinais, que dão conta do léxico em LIBRAS, como por exemplo: De Sinal em Sinal (ALBRES e NEVES, 2008); Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA, et. al., 2017); Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais (LIRA & SOUZA, 2005); Glossário Letras-Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Glossário Libras, da Universidade de São Paulo (USP); entre outros, ainda não há, de acordo com as nossas pesquisas, um vocabulário, glossário ou dicionário que apresente os termos compostos especializados dos estudos na área de LIBRAS, o que evidencia o caráter original e inovador desse trabalho.

Para responder ao primeiro questionamento, investigamos os termos em língua portuguesa escritos em artigos de revista científica. A revista científica escolhida para nossa investigação foi a *Revista Virtual de Cultura Surda*, da editora *Arara Azul*, que nos possibilitou constituir o *corpus* TERMINOLOGIA DA LIBRAS (TER-LIBRAS). A escolha dessa revista se deu pelo fato de ser uma das mais conhecidas e referenciadas por estudiosos e pesquisadores da área, contendo, inclusive, textos de Ronice Quadros e Gladis Perlin. Além disso, a revista tem diferentes correntes de opiniões e discussões teóricas dos estudos da LIBRAS.



Em resposta ao segundo questionamento, nos valemos do arquivo de fonte *LIBRAS2002*, do *Windows* (extensão em TTF), que nos oportunizou as traduções em alfabeto manual/datilologia. A leitura do alfabeto manual é feita através da Datilologia, que é a forma de comunicação utilizada pela comunidade surda quando se soletra uma palavra em língua oral-auditiva. Todos os termos traduzidos foram validados por especialistas.

Considerando a originalidade e inovação de nossa pesquisa, esperamos que esse trabalho possa contribuir de forma positiva e esclarecedora para aqueles que estão a iniciar suas leituras nos estudos da LIBRAS, principalmente para a comunidade surda, por ter os termos aqui traduzidos para o alfabeto manual. Para a comunidade acadêmica-universitária, é nossa expectativa que esse material possa servir de referência para pesquisas futuras, que, nessa área, são muito oportunas. Para o público em geral, temos o desejo que possa proporcionar o incentivo na aprendizagem da LIBRAS e que possa servir como material de consulta.

2 TEORIA COMUNICATIVA DA TERMINOLOGIA

Neste processo de apresentação sobre as disciplinas e as teorias da Terminologia, precisávamos encontrar uma proposta de discussão que se ajustasse aos nossos objetivos e fundamentos, uma vez que é através dos usos comunicativos que se desenrolam as definições dos termos compostos da LIBRAS, achados em nosso *corpus* de investigação.

Os momentos que nos levaram escolher uma teoria que seja justa àquilo que buscamos discutir não foi à toa, uma vez que é a própria Terminologia o tronco que sustenta as ramagens de suas teorias. Nestas ramagens, está a



Teoria Comunicativa da Terminologia, que a foi a escolhida para dar sustento às nossas discussões e proposições.

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) foi desenvolvida por Maria Teresa Cabré durante os anos de 1993 a 1999 e ela surgiu devido, como afirma Santiago (2007, p. 31), às “mudanças motivadas no âmbito da linguagem e no âmbito socioeconômico. [...] Como consequência, tem-se o fácil acesso ao público em geral e às áreas muito especializadas”. A TCT é atual, e consideramos à frente das outras proposições teóricas terminológicas por acompanhar o avanço tecnológico, científico e econômico, tão importante para o mundo pós-moderno em que (con)vivemos, globalizado pelo fácil acesso às informações.

Como vimos, é perceptível nos dias de hoje que as teorias precisam se ajustar ao avanço social, econômico e tecnológico, principalmente quando tratamos de pesquisa e estudos voltados para a área da linguagem, que é uma rede condutora destes avanços. Hoje, através dessas evoluções, o acesso à comunicação especializada ganhou um maior número de leitores, usuários e consulentes, precisando de maior (in)formação e estudos sobre esses aspectos, o que é apresenta a TCT.

Baseada nessas discussões, a TCT tem por principais objetivos compreender as unidades terminológicas e não os conceitos; e considerar os aspectos linguísticos, cognitivos e sociais do termo que são construídos em meio aos processos comunicativos de usos da linguagem especializada. Além disso, a TCT não delimita e não isola o termo da palavra em se tratando do aspecto morfossintático e no funcionamento da linguagem, pois os termos e palavras não se diferenciam enquanto itens lexicais, uma vez que são as situações comunicativas que sugerem a definição terminológica com o valor especializado que as palavras adquirem nas línguas especializadas (SANTIAGO, 2007). Esse processo pode ser identificado por terminologização, que, de acordo com

Santiago (2007, p. 34), “[...] pode ocorrer também o inverso, a divulgação, vulgarização ou banalização, o que comprova o limite tênue, a quase inexistência de fronteira entre o léxico geral e o léxico especializado”.

Sobre a TCT, Cabré (1999, p. 126) afirma:

Esta teoria, que denominamos Teoria Comunicativa da Terminologia, requer que, tanto do ponto de vista teórico, como do metodológico, se contemple a variação linguística em toda a sua dimensionalidade, se assuma a condição de adequação dos termos e se integrem aspectos psicolinguísticos implicados (compartilhados com a perspectiva cognitiva) e os elementos sociolinguísticos relacionados (compartilhados com a perspectiva social).

Cabré (1999) afirma, então, quais são os princípios básicos que contemplam a TCT, apontando, desde o ponto de vista teórico ao ponto de vista metodológico, pontos nos quais é necessário haver uma melhor compreensão do que se entende por variação linguística na produção especializada, com os aspectos sociolinguísticos e psicolinguísticos. Por esse motivo, é importante que nós não possamos compreender o termo, ou unidade terminológica, apenas do ponto de vista semântico, do léxico geral, mas levando em conta os aspectos sociocognitivos que estão afeitos a eles, o contexto pragmático em que estão inseridos, o uso e o propósito comunicativo, que estão compartilhados no social.

As unidades terminológicas, para Cabré (2003, p. 184-185), estão situadas em três pontos de vistas: componente cognitivo, componente linguístico e componente comunicativo, determinados, em cada um destes, algumas condições específicas que veremos no Quadro 01:

Quadro 01 – Pontos de vistas sobre as unidades terminológicas.

1 PERSPECTIVA	2 CONDIÇÕES
Componente Cognitivo	a. eles dependem de um contexto temático; b. eles ocupam um lugar preciso em uma estrutura conceitual; c. seu significado específico é determinado pelo seu lugar nessa estrutura; d. esse significado é explicitamente fixo;

	<p>e. este significado é considerado como uma propriedade da unidade;</p> <p>f. eles são fixos, reconhecidos e disseminados com a ajuda do especialista da comunidade.</p>
Componente Linguístico	<p>a. elas são unidades lexicais, seja por sua origem lexical ou por um processo de lexicalização;</p> <p>b. eles podem ter estrutura lexical e sintática;</p> <p>c. como estruturas lexicais eles exploram todos os dispositivos de formação de palavras e processos de aquisição de novas unidades;</p> <p>d. formalmente, eles podem coincidir com unidades pertencentes ao discurso geral;</p> <p>e. em relação à classe de palavras, elas ocorrem como substantivos, verbos, adjetivos ou advérbios ou estruturas nominais, verbais, adjetivais ou adverbiais;</p> <p>f. eles pertencem a uma das categorias semânticas amplas: entidades, eventos, propriedades ou relações; estas categorias com suas próprias subcategorias não necessariamente excluem-se mutuamente e, portanto, deve ser considerado valores semânticos;</p> <p>g. seu significado é discreto dentro de um assunto especial;</p> <p>h. seu significado é extraído do conjunto de informações de uma unidade lexical;</p> <p>i. sua combinabilidade sintática é restrita com base na combinatória de princípios de todos os itens lexicais de uma linguagem.</p>
Componente Comunicativo	<p>a. eles ocorrem no discurso especializado;</p> <p>b. formalmente, adaptam-se a esse tipo de discurso de acordo com suas temáticas e características funcionais;</p> <p>c. eles compartilham discursos especializados com unidades pertencentes a outros sistemas simbólicos;</p> <p>d. eles são adquiridos através de um processo de aprendizagem e, portanto, são tratados por especialistas em seu campo;</p> <p>e. eles são basicamente denotativos (o que não exclui conotações).</p>

Fonte: Produção do autor (2018).



Como foi possível observar no Quadro 01, a TCT é multidimensional, pois abarca e leva em conta em seu escopo teórico, principalmente pela complexidade e pelas multifaces do termo, três aspectos: o linguístico, que basicamente organiza-se pelos critérios morfosintáticos, semântico e restrito aos itens lexicais; o cognitivo, que é estrutural e mais centrado no contexto de cultura em que o indivíduo está inserido; e o comunicativo, que ocorrem com base no contexto especializado, adaptando-se conforme a situação e as circunstâncias de uso.

Em nosso trabalho, tivemos um olhar mais intensificado para o componente comunicativo, pois ele é essencial para compreendermos os sistemas comunicativos que nos levaram a definir os termos. São os sistemas comunicativos, inseridos em seus contextos de uso especializado, a depender de suas diversas áreas temáticas, quem definem os termos/unidades terminológicas.

Sobre este caráter multidimensional, Cabré (2003, p. 190), diz que:

A concepção de linguagem desta teoria linguística deve considerar tanto competência e desempenho e, além disso, tenha em mente a multidimensionalidade de todas as línguas, separadas do seu estatuto político ou social. Essa multidimensionalidade pressupõe aceitar que as línguas não podem ser reduzidas a gramáticas, isto é, a sistemas estruturados que estão na base de todas as manifestações linguísticas. Além de serem gramaticais, as línguas são sistemas de identidade, organização social e marcadores de situações políticas e econômicas. Assim, apenas uma teoria linguística cognitiva e funcional, ou seja, uma teoria que, além da gramática, inclui tanto semântica quanto pragmática, é capaz de descrevendo a especificidade das unidades terminológicas e, ao mesmo tempo, seus elementos comuns com unidades lexicais gerais. Além disso, a pragmática é essencial para explicando a ativação do significado terminológico das unidades lexicais.

O que Cabré (2003) apresenta em sua fala vai ao encontro daquilo que acreditamos neste trabalho. Não há, em momento algum, o desejo de

compreender a unidade terminológica apenas na perspectiva morfológica, gramatical, semântica, sintática, etc., sem antes entender a qual processo comunicativo o termo está inserido, principalmente pelos domínios circunstâncias da pragmática e pelos propósitos e objetivos do texto.

A depender da pragmática, uma só unidade Terminologia diversos sentidos, significados e definições, e é justo por este motivo que Cabré (1999; 2003) defende que os termos sejam compreendidos e definidos com base em seus domínios/processos comunicativos. Fora desse contexto, a unidade terminológica tem apenas o *status* dos componentes cognitivos e linguísticos.

Não queremos aqui propor uma separação entre os componentes que tipificam os pontos de vistas da Terminologia, mas configurá-los em suas determinadas contribuições. É claro, e obviamente, que não se pode falar em Terminologia comunicativa sem falar da linguística ou do componente cognitivo, pois ambos são pilares de sustentação da TCT.

No entanto, é possível perceber que há uma lacuna de compreensão no que defende a TCT, que, se sanada, poderia melhorar e/ou reforçar suas bases de construções teórica e metodológica. Vejamos, embora a TCT apresente estar vinculada/situada a três pontos de vistas: cognitivo, linguístico e comunicativo, não existe, nos condicionamentos que são alvos desses pontos de vistas (que podem ser observados na coluna 2 do Quadro 01), algo que possa nos impulsionar a refletir a respeito da funcionalidade de uma unidade terminológica em seu determinado processo comunicativo.

Não podemos deixar escapar aqui, obviamente, que na perspectiva do componente comunicativo, na letra “b”, da coluna 2 do Quadro 01, há apenas a menção às “características funcionais” das unidades terminológicas, o que não nos leva a crer ser o objetivo desta menção considerar a que se deve determinadas escolhas terminológicas (cognitivo-funcional) ou qual é a função de determinado termo no contexto comunicativo.

Partindo desse viés de discussão, Cabré (2003, p. 194), reconhece que:

Estou ciente de que na Terminologia ainda estamos no estágio coletivo da teoria construção. No quadro geral da comunicação especializada, esta teoria deve integrar justificações básicas, princípios e condições que descrever adequadamente as unidades terminológicas, suas características e propriedades, as relações entre seus componentes intrínsecos, suas funções, as relações eles estabelecem entre si e com outras unidades de conhecimento especializado e os processos que eles seguem. Não há dúvida de que das contribuições para este esforço cooperativo um modelo teórico mais adequado irá emergir.

É nesta perspectiva que em que reside a nossa proposição, que a Terminologia, sobretudo a TCT, tenha seus horizontes de observações ampliados para não somente ver e perceber as unidades terminológicas pelos olhares da gramática, linguística, do cognitivo, mas, também, da funcionalidade, tentando estabelecer sentido e compreendendo as funções dos termos, em seus contextos de usos, e quais as contribuições dessas funcionalidades para a entendimento do texto-comunicativo especializado. Partindo nessa linha de pensamento, poderia, quem sabe, surgir a Terminologia Comunicativa-Funcional. Deixemos para um possível trabalho de doutoramento.

Embora a TCT apresente esta lacuna, não podemos negar que esta é a proposta teórica mais atual e importante para os estudos terminológicos, ela tem uma boa estrutura basilar, como já dito, e apresenta em seu escopo, conforme Cabré (1999, p. 60), sete princípios, a saber:

- 01.** A Terminologia é linguística;
- 02.** A Terminologia é multidisciplinar;
- 03.** O termo, como unidade da Terminologia, é uma unidade linguística;
- 04.** A Terminologia é elemento constituinte do discurso especializado;
- 05.** A Terminologia entra na perspectiva da variação dialetal e funcional;

- 06.** A Terminologia participa da variação vertical (nível de especialização, compreensão conceitual e compreensão estrutural) e da horizontal (tema, perspectiva e abordagem);
- 07.** O texto é objeto de estudo da Terminologia.

Os sete princípios da TCT nos mostram o caráter sistêmico da teoria, em que se situa, em rede, as conexões dos pilares que sustentam as suas proposições teóricas. A TCT é linguística por tratar o discurso especializado como sistema de estudo comunicativo da linguagem, tendo, neste sistema, o seu caráter multidisciplinar.

No Brasil, após a divulgação das proposições teóricas de Cabré (1999), a TCT transitou rapidamente entre as pesquisas terminológicas e lexicográficas, principalmente em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, através de dissertações e teses que foram, e continuam sendo escritas, tendo a TCT como base de sustentação teórica.

A influência positiva da TCT no Brasil é justificada por Almeida (2006, p. 86) quando diz que:

Essa grande influência da TCT no Brasil não é sem razão, haja vista que uma teoria descritiva de base linguística parece ser muito mais adequada ao contexto brasileiro: país monolíngue com grande variedade dialetal. Só mesmo uma teoria descritiva para dar conta das especificidades das Terminologias aqui praticadas.

Essa posição se ajusta aos propósitos de discussão da TCT quando se parte da observação do discurso para o texto, levando em conta as variações linguísticas e as variedades dialetais em suas especificidades de contextos de usos. No entanto, a citação da autora não foi tão precisa e justa, quando fala que o Brasil é um país monolíngue, uma vez que, desde o ano de 2002, através da Lei Federal 10.436, publicada em diário oficial da união em 24 de abril, a LIBRAS foi reconhecida como língua da comunidade surda brasileira e como segunda

língua oficial do Brasil. Se o argumento de Almeida (2006) quanto à TCT se ajusta às variações linguísticas e às variedades dialetais do português brasileiro, do ponto de vista linguístico, por este viés, também deve se ajustar à LIBRAS.

A escolha da TCT para a discussão teórica de um trabalho científico deve ser bem arquitetada e alicerçada em posições metodológicas criteriosas, que são necessárias desde a elaboração do *corpus* à organização do verbete de um trabalho terminológico/lexicográfico. Estas escolhas, que partem do embasamento teórico da TCT, devem refletir na sua prática, que se baseiam nos seguintes pressupostos gerais, apresentados por Cabré (2003, p.184):

a) O objeto central da Terminologia são as unidades terminológicas, e não os conceitos. Eleger as unidades como objeto central significa reforçar uma perspectiva linguística e uma abordagem semasiológica; b) não há uma diferença *a priori* entre termo e palavra, o que há são signos linguísticos que podem realizar-se no discurso como termo ou palavra dependendo da situação comunicativa; c) os níveis lexical, morfológico, sintático e textual podem veicular conhecimento especializado; d) os termos devem ser observados no seu ambiente natural de ocorrência, ou seja, nos discursos especializados; e) a variação conceitual e denominativa deve ser considerada; f) do ponto de vista cognitivo, as unidades terminológicas: i) estão subordinadas a um contexto temático; ii) ocupam um lugar preciso num mapa conceitual; iii) o seu significado específico é determinado pelo lugar que ocupam nesse mapa.

Estas características, embora sejam adotadas também em algumas proposições metodológicas da Terminologia clássica, são importantes para a credibilidade e melhor organização do trabalho terminológico e/ou lexicográfico, visto que estes procedimentos de escolhas têm por objetivo fortalecer a rede de ligação entre a teoria e a prática, em que a teoria terminológica tenha uma base linguística de cunho descritivo.

A produção de um trabalho terminológico com base na TCT deverá acompanhar e estabelecer algumas etapas em que se estabelecem a sua execução, que deverão ser sequenciados e acompanhados sistematicamente, a

saber: delimitação e organização do *corpus*; elaboração de um mapa conceitual; organização, feitura e preenchimento de fichas terminológicas; redação das definições; organização da microestrutura do trabalho (verbete) e da macroestrutura (CABRÉ, 2003). Além destas, também consideramos importantes as organizações em níveis medioestrutural e megaestrutural, que são constituintes importantes na produção e compreensão de um material terminológico/lexicográfico.

Por ser uma teoria cuja base de observação e estudo parte do contexto comunicativo do discurso para o texto, a TCT se utiliza da Linguística de *Corpus* (LC) (BEBER-SARDINHA, 2009) para composição de seus trabalhos. Para que isso seja possível, é necessário, primeiramente, fazer a seleção de textos (em seus determinados gêneros) vinculados aos objetivos da pesquisa ou do trabalho. A organização do *corpus* deverá seguir alguns requisitos, que são fundamentais para a compilação do material: autenticidade, representatividade, balanceamento, amostragem, diversidade e tamanho (BEBER-SARDINHA, 2009). Um ponto que credencia ainda mais a importância da LC é que, na elaboração do paradigma de definição das unidades terminológicas, se utiliza os contextos em que os termos estão escritos/utilizados, que são encontrados no próprio *corpus* da pesquisa.

Depois da organização do *corpus*, inicia-se a seleção e/ou eleição, pelos critérios estabelecidos pelo pesquisador, dos vocábulos candidatos a termos. Caso os termos não partam de um domínio científico, que geralmente é encontrado em textos de gênero artigo científico, é necessário que os termos candidatos sejam validados por um especialista, para que somente assim possa se passar para a próxima etapa, que é a inserção dos termos no mapa conceitual.

O mapa conceitual tem o objetivo de organizar os conceitos paradigmáticos que irão compor cada unidade da ficha terminológica. Ele é

organizado em conjunto com a seleção dos termos, pois são os próprios termos, a partir de suas observações, que o pesquisador/terminólogo poderá definir quais serão os campos conceituais que comporão o mapa.

Com os termos validados/eleitos, estes são inseridos, um por um, em fichas terminológicas. Para Almeida (2006, p. 90), os preenchimentos das fichas terminológicas é uma etapa “imprescindível numa pesquisa terminológica, pois a ficha constitui-se num verdadeiro dossiê do termo, contendo toda a sorte de informações que se mostrem pertinentes para a pesquisa em foco”. Não há um modelo em específico para a ficha terminológica, uma vez que são os objetivos de cada trabalho/pesquisa, e os próprios termos, que determinam os campos que deverão constar nas fichas terminológicas. Almeida (2006, p. 90) orienta que por a TCT ter “[...] uma abordagem semasiológica, o que deve orientar a abertura de cada ficha é o termo e não o conceito”.

Após a elaboração e preenchimento das fichas terminológicas, passa-se à definição dos termos, que deve ser feita tomando por base os contextos de uso, em que os termos se encontram no *corpus*. Os termos devem refletir a significação do domínio em que se delimita o trabalho/pesquisa. Por esse motivo, os contextos são explicativos e definitórios dos termos. Sobre esta discussão, Cabré (1999, p. 19) afirma que:

A organização da base definicional é uma fase importante do trabalho, já que ela é, além do *corpus*, uma fonte de onde são extraídas as informações para elaborar as definições. Daí a preocupação em inserir uma grande quantidade de informações de qualidade. [...] tanto a base definicional quanto o *corpus* devem funcionar como guias para orientá-lo no trabalho de redação da definição.

Assim, podemos entender que quanto mais informações contextuais, em que os termos estejam inseridos, será melhor para a sua definição, pois estas informações servirão como guias e leme norteador para a redação final da unidade terminológica. A redação final é uma tarefa complexa, uma vez que o



terminólogo/pesquisador deverá dominar diferentes conhecimentos e habilidades da área do sistema de estudo/pesquisa.

Tendo todo o material coletado, organizado e definido, é momento de redigir a microestrutura (verbetes = paradigmas informacionais), que é uma das principais composições organizacionais de um trabalho lexicográfico/terminológico. Para a TCT, segundo Cabré (1999, p. 170), “cada verbete contém informações sistemáticas (obrigatórias em todos os verbetes) e não-sistemáticas (informações não-recorrentes)”.

As informações sistemáticas são classificadas como obrigatórias em toda composição microestrutural, a saber: entrada (termo); paradigma gramatical; equivalente (s) em língua estrangeira, ou segunda língua, no nosso caso específico; paradigma definicional (que pode ser, ou não, orientado pelos contextos em que se estabelecem os usos do termo); contexto (s) de uso(s); e remissivas (caso sejam necessárias). Já as informações não sistemáticas estão orientadas em: informações enciclopédicas; sinônimos; e indicações de uso.

A macroestrutura, que é um conjunto de entradas (verbetes), organizado verticalmente, de um dicionário, glossário, vocabulário, etc., que, para a TCT, deve seguir as orientações do Centro Catalão de Terminologia (TERMCAT - 1990)¹, quando este propõe que todo trabalho/material lexicográfico/terminológico deverá conter alguns capítulos antes das exposições dos verbetes, quais sejam: introdução (objetivos, métodos, conteúdo trabalhado, área de estudo, orientação de leitura, características e conteúdo dos verbetes); mapa conceitual; apresentação dos verbetes; índice alfabético dos termos; índice alfabético de equivalências; e, por fim, bibliografia.

A Teoria Comunicativa da Terminologia contribui de forma significativa para os estudos terminológicos, lexicográficos e linguísticos. Suas propostas

¹ Centro Catalão de Terminologia (TERMCAT), fundado em 1990, na Catalunha, Espanha. No TERMCAT, há um conselho supervisor que orienta as normas de como os verbetes de dicionários, glossários, atlas, vocabulários, etc., devem ser organizados.



teóricas, também de cunho metodológico, são utilizadas na grande maioria de trabalhos, pesquisas e materiais que tenham na Terminologia o seu pilar de sustentação. As escolhas que legitimam a TCT neste trabalho, em domínio coerente, é a afirmação de sua teoria em sua prática metodológica, nos oportunizando um melhor fazer terminológico, que se adequa à atualidade dos estudos linguísticos.

3 DESENHO METODOLÓGICO

A organização desta sessão corresponde a apresentação das quatro etapas da investigação, quais sejam: na primeira, apresentamos como constituímos e organizamos o *corpus* da pesquisa. Na segunda etapa, explicamos como foi feito o levantamento dos termos, utilizando o *software Word Smith Tools* (SCOTT, 2008), por meio das aplicações *WordList* e *Concord*, com base nos pressupostos teóricos da Linguística de *Corpus*. Com os termos já coletados, na terceira etapa, detalhamos como foram feitas as traduções dos termos para o equivalente em alfabeto manual/datilologia da LIBRAS. Na última etapa, apresentamos como se estrutura o vocabulário, sob orientação da Lexicografia, objetivo fim da pesquisa.

3.1 CONSTITUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO *CORPUS*

Para que pudéssemos apresentar caráter científico ao nosso trabalho, e conseqüentemente constituir o *corpus*, delimitamos o critério de coleta de dados somente no gênero de texto científico, em que todo o *corpus* deveria ser composto por textos de pesquisas científicas. Após isso, iniciamos nossas



buscas através da internet, e na própria literatura de referência, sobre materiais que dissertassem sobre a LIBRAS.

Em nossos achados, depois de filtrados todos os materiais encontrados pelo critério referido, nos restaram duas revistas: Revista da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Revista FENEIS), e a Revista Virtual de Cultura Surda. Ambas revistas possuem *International Standard Serial Number* (ISSN), porém, somente a Revista Virtual de Cultura Surda se adequa em nossos objetivos, pois a Revista FENEIS tem como proposta divulgar textos em diferentes gêneros, quais sejam: texto informativo, entrevista, de divulgação, propaganda, etc., que têm o objetivo de promover, divulgar a LIBRAS e a comunidade surda.

O material escolhido foi a *Revista Virtual de Cultura Surda* (RVCS), da editora Arara Azul, disponível através do site da editora referida, que nos possibilitou constituir o *corpus* TERMINOLOGIA DA LIBRAS (TER-LIBRAS). Além do critério que consagrou a escolha dessa revista, a seleção desta se deu também pelo fato de ser uma das mais conhecidas e referenciadas por estudiosos e pesquisadores da área de LIBRAS. A RVCS tem diferentes correntes de opiniões e discussões teóricas dos estudos vinculados à língua de sinais do Brasil.

A RVCS é referência nacional em estudos surdos, principalmente quando o objetivo é divulgar pesquisas científicas feitas por grandes pesquisadores da LIBRAS, como Ronice Müller de Quadros e Gladis Teresinha Taschetto Perlin, que são professoras universitárias e propositivas divulgadoras e estudiosas da LIBRAS no Brasil e no mundo. Ainda sobre a RVCS, esta é sem fins comerciais e oferece acesso gratuito a todos os interessados. A revista possui o ISSN 1982-6842 e não tem o *Digital Object Identifier* (D.O.I).

Todas as edições da RVCS, publicadas até setembro de 2017, foram baixadas no formato de arquivo *Portable Document Format* (PDF) e,



posteriormente, convertidas para a extensão arquivo em *Text (TXT)*, sendo arquivadas em pasta no computador com o nome *Revista_LIBRAS_XX*, mais o número correspondente à edição, por exemplo: *Revista_LIBRAS_01*, para nos orientar, quando encaminhada para o *software WordSmith Tools (WST)*, a qual revista determinado termo estava a aparecer/pertencer. Essa etapa foi importante para que pudéssemos dar prosseguimento para a seguinte, quando usamos o WST para o levantamento dos termos da LIBRAS.

Sendo assim, o nosso *corpus* da pesquisa é composto por 22 revistas eletrônicas, escritas entre os anos de 2007 a 2017, que constitui um banco de dados para o levantamento de termos da LIBRAS em textos científicos, no gênero de texto artigo científico, discutindo sobre diversas temáticas e propostas teóricas da língua de sinais brasileira.

3.2 LEVANTAMENTO DOS TERMOS ATRAVÉS DO *WORD SMITH TOOLS*

Achamos ser importante descrevermos o *software*, principalmente para quem está a iniciar estudos em terminologia/terminografia. O *Word Smith Tools (WST)*, criado por Mike Scott em 1996, publicado pela Oxford University Press, é um pacote de programas que consiste em três principais ferramentas, quais sejam: *WordList*, *Concord* e *KeyWords*. Através desses recursos, é possível fazer diversas análises de aspectos da linguagem. O programa é pago, escrito em língua inglesa e é muito utilizado em pesquisas e estudos no campo da linguística de *corpus*.

Existem diversos motivos pela preferência do programa, com as quais concordamos e mostramos a seguir. O primeiro motivo é a facilidade de uso; o segundo é que por ser um programa que pode ser utilizado num ambiente gráfico como o *Windows*, que permite uma maior facilidade na utilização dos recursos e um fácil aprendizado; o terceiro motivo é a facilidade para obter o programa,

pois é distribuído por uma grande editora internacional (*Oxford University Press*) e também disponível via Internet; e o quarto motivo é a sua versatilidade, o programa permite entender a organização de dados da língua e a análise de amostras isoladas.

Para melhor apresentarmos o WST, iremos descrever as duas ferramentas utilizadas em nossa pesquisa: *WordList* e *Concord*. A título de conhecimento, não utilizamos a ferramenta *KeyWords*, pois não foi nosso objetivo fazer levantamento de palavras mais importantes em contextos específicos em comparação a um *corpus* de referência, que é a função da ferramenta referida.

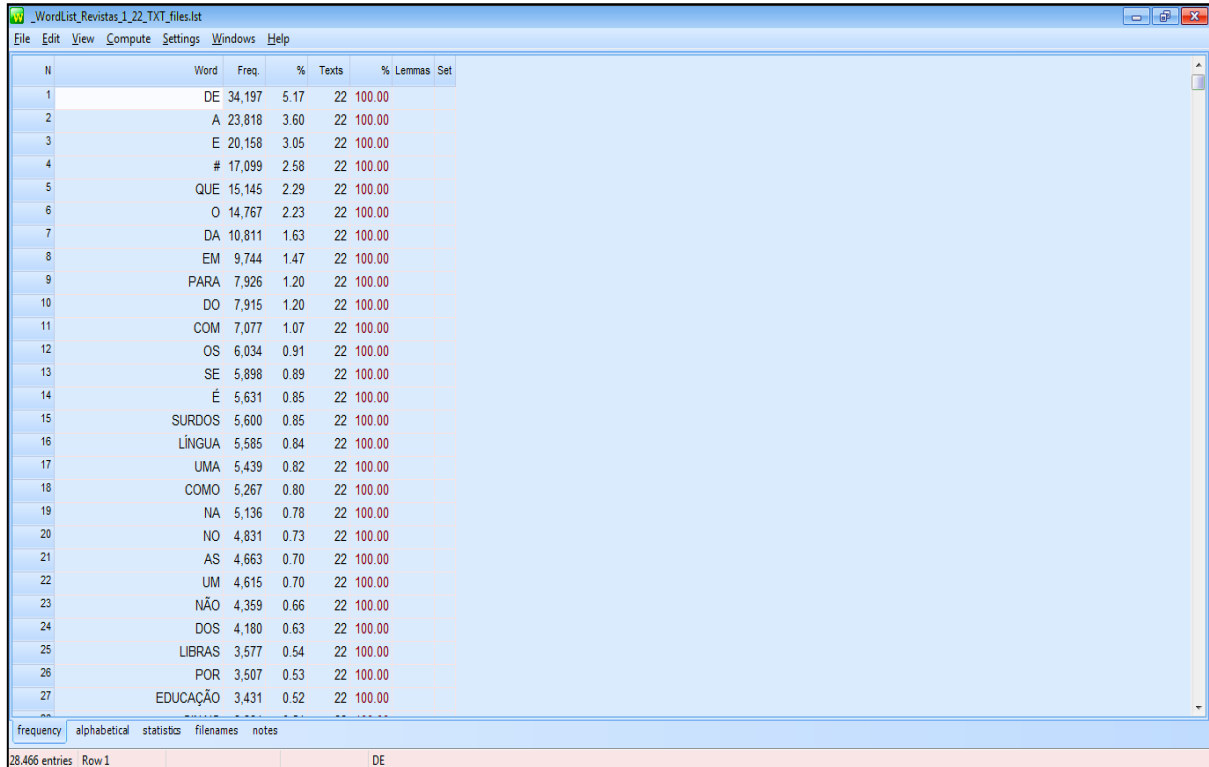
Nesta pesquisa, o programa *Word Smith Tools* permitiu o levantamento dos termos compostos da LIBRAS (ver Apêndice A), utilizados por pesquisadores e estudiosos brasileiros em revista científica.

3.2.1 Listagem de palavras no *WordList*

O *WordList* faz a listagem de palavras presentes no *corpus* da pesquisa, apresentando estatísticas dessas presenças, como, por exemplo, a frequência de uso da palavra em todo o material. Em nosso trabalho, utilizamos a ferramenta para que fosse possível verificar as quantidades de palavras presentes no *corpus* e, conseqüentemente, através destas palavras, partimos para a segunda ferramenta, o *Concord*.

Na Figura 07, temos a ilustração do *WordList*, que nos permite encontrar, a depender do foco do pesquisador, tanto por frequência, quanto por ordem alfabética, as palavras (termos simples) presentes no *corpus*. Na parte inferior da tela, a ferramenta ainda nos permite apresentar estatísticas, nome dos textos em que aparecem as palavras e notas sobre os textos.

Figura 07 – Tela da ferramenta WordList.



N	Word	Freq.	%	Texts	% Lemmas	Set
1	DE	34,197	5.17	22	100.00	
2	A	23,818	3.60	22	100.00	
3	E	20,158	3.05	22	100.00	
4	#	17,099	2.58	22	100.00	
5	QUE	15,145	2.29	22	100.00	
6	O	14,767	2.23	22	100.00	
7	DA	10,811	1.63	22	100.00	
8	EM	9,744	1.47	22	100.00	
9	PARA	7,926	1.20	22	100.00	
10	DO	7,915	1.20	22	100.00	
11	COM	7,077	1.07	22	100.00	
12	OS	6,034	0.91	22	100.00	
13	SE	5,898	0.89	22	100.00	
14	É	5,631	0.85	22	100.00	
15	SURDOS	5,600	0.85	22	100.00	
16	LÍNGUA	5,585	0.84	22	100.00	
17	UMA	5,439	0.82	22	100.00	
18	COMO	5,267	0.80	22	100.00	
19	NA	5,136	0.78	22	100.00	
20	NO	4,831	0.73	22	100.00	
21	AS	4,663	0.70	22	100.00	
22	UM	4,615	0.70	22	100.00	
23	NÃO	4,359	0.66	22	100.00	
24	DOS	4,180	0.63	22	100.00	
25	LIBRAS	3,577	0.54	22	100.00	
26	POR	3,507	0.53	22	100.00	
27	EDUCAÇÃO	3,431	0.52	22	100.00	

frequency alphabetical statistics filenames notes
28,466 entries Row1 DE

Fonte: Produção do autor (2018).

Com as revistas processadas na ferramenta, obtivemos o levantamento dos termos simples. O *corpus* de nossa pesquisa tem 28.466 (vinte e oito mil quatrocentos e sessenta e seis) palavras em língua portuguesa. Através dessa listagem de palavras, partimos para o passo seguinte, que foi verificar, através da ferramenta *Concord* (ver Apêndice B), os termos compostos² com base em seus contextos de uso.

² De acordo com Figueiredo-Gomes e Oliveira Jr. (2015), os termos compostos, *clusters* em língua inglesa, são a junção de outro (s) termo (s) ao termo base, o que permite formar um sintagma terminológico.

3.2.2 Aplicação do *Concord* para os contextos de uso dos termos

Essa ferramenta, também ordenada por frequência ou por ordem alfabética, a critério do pesquisador, faz a listagem de termos com base em seus contextos de uso. Para isso, precisamos selecionar o termo base (termo simples) e solicitar a aplicação de concordância para verificar em que contexto o termo está inserido.

A partir da observação do contexto, com apoio nas palavras que estão ao lado direito e esquerdo do termo base, *right* e *left* em língua inglesa respectivamente, é possível perceber o sintagma composto, que formará o termo composto (*clusters*). Por exemplo: na palavra “cultura”, ao utilizar o *Concord*, obtivemos através de suas concordâncias, em seus contextos de uso e frequências, o termo composto “cultura surda”, como é possível observar na Figura 08.

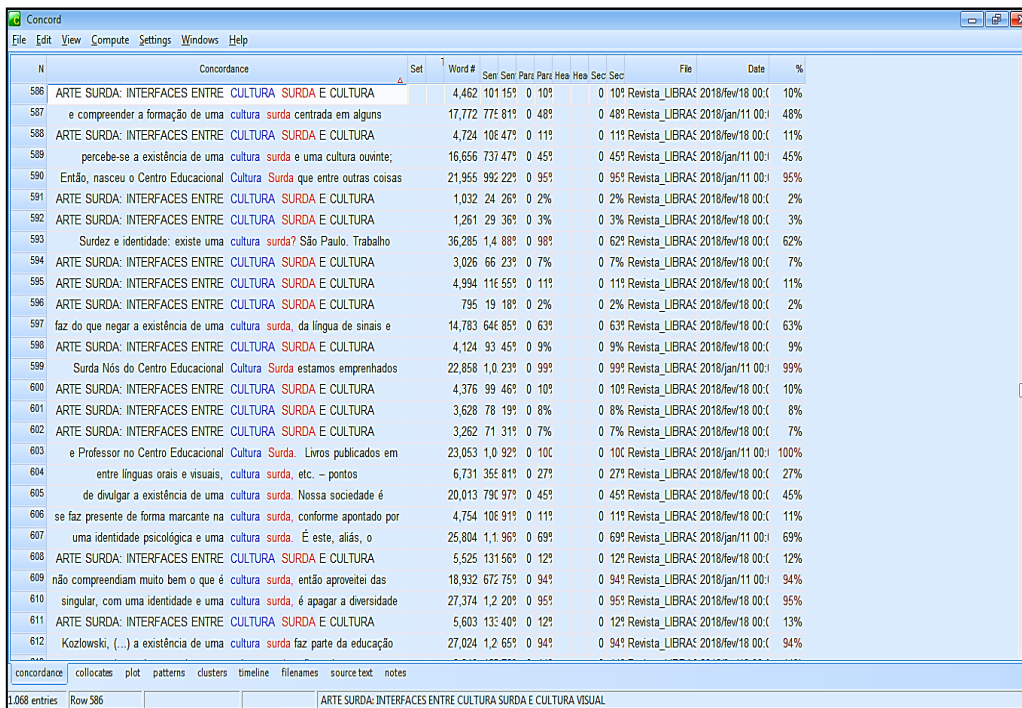
É também através do *concord* que buscamos os contextos de uso do termo, que também nos auxiliam na compreensão de cada sintagma terminológico. Para a coleta dos termos em seus contextos de uso, a ferramenta nos orienta da seguinte forma: com a tela aberta, clicamos duas vezes em cima do termo desejado, após isso, a ferramenta nos leva à uma outra tela, em que aparece o termo composto inserido em seu contexto paradigmático.

O *Concord* é uma ferramenta de fácil manuseio, tendo nos ajudado muito nessa fase da pesquisa, inclusive nos permitindo observar se determinados termos estavam de acordo com os nossos objetivos, observando sempre o termo simples que oportunizou o achado do termo composto, que chamamos a partir de agora de termo-chave³. Na figura 08 a seguir, ilustramos o manuseio da

³ Intitulamos de termo-chave aquele que, unindo-se a outro termo, abre caminho para formar um sintagma terminológico composto. Para tanto, em nosso vocabulário, também apresentamos o termo-chave em cada verbete, para que possamos ter conhecimento da unidade terminológica basilar de formação do termo composto.

ferramenta *concord* através do termo composto “cultura surda”, encontrado em seus contextos de usos nas revistas científicas. O termo-chave nesta coleta foi “cultura”.

Figura 08 – Tela da ferramenta *Concord*



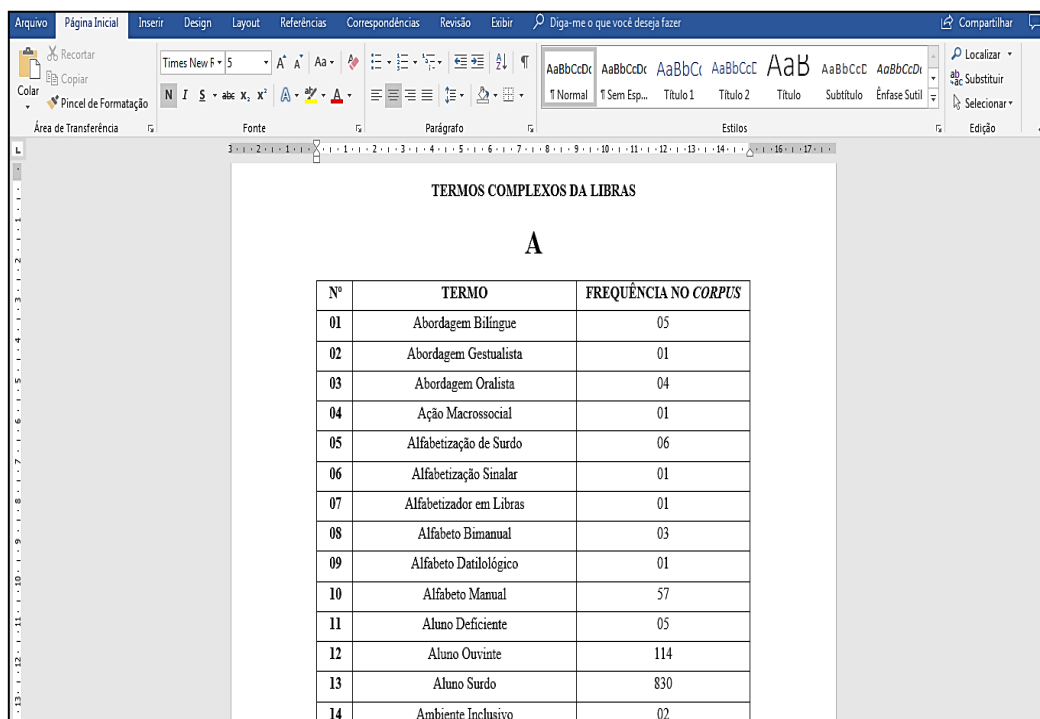
N	Concordance	Set	Word #	Sen	Seni	Para	Para	Hea	Sec	Sec	File	Date	%
586	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		4,462	101	159	0	109	0	109	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		10%	
587	e compreender a formação de uma cultura surda centrada em alguns		17,772	776	819	0	489	0	489	Revista_LIBRAS_2018/jan/11_00.f		48%	
588	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		4,724	106	479	0	119	0	119	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		11%	
589	percebe-se a existência de uma cultura surda e uma cultura ouvinte;		16,656	737	479	0	459	0	459	Revista_LIBRAS_2018/jan/11_00.f		45%	
590	Então, nasceu o Centro Educacional Cultura Surda que entre outras coisas		21,955	992	229	0	959	0	959	Revista_LIBRAS_2018/jan/11_00.f		95%	
591	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		1,032	24	269	0	2%	0	2%	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		2%	
592	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		1,261	29	369	0	3%	0	3%	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		3%	
593	Surdez e identidade: existe uma cultura surda? São Paulo. Trabalho		36,285	1,4	889	0	989	0	629	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		62%	
594	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		3,026	66	239	0	7%	0	7%	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		7%	
595	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		4,994	116	559	0	119	0	119	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		11%	
596	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		795	19	189	0	2%	0	2%	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		2%	
597	faz do que negar a existência de uma cultura surda, da língua de sinais e		14,783	646	859	0	639	0	639	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		63%	
598	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		4,124	93	459	0	9%	0	9%	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		9%	
599	Surda Nós do Centro Educacional Cultura Surda estamos empenhados		22,850	1,0	239	0	999	0	999	Revista_LIBRAS_2018/jan/11_00.f		99%	
600	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		4,376	99	469	0	109	0	109	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		10%	
601	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		3,628	78	199	0	8%	0	8%	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		8%	
602	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		3,262	71	319	0	7%	0	7%	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		7%	
603	e Professor no Centro Educacional Cultura Surda. Livros publicados em		23,053	1,0	929	0	100	0	100	Revista_LIBRAS_2018/jan/11_00.f		100%	
604	entre línguas orais e visuais, cultura surda, etc. – pontos		6,731	356	819	0	279	0	279	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		27%	
605	de divulgar a existência de uma cultura surda. Nossa sociedade é		20,013	790	979	0	459	0	459	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		45%	
606	se faz presente de forma marcante na cultura surda, conforme apontado por		4,754	106	919	0	119	0	119	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		11%	
607	uma identidade psicológica e uma cultura surda. É este, aliás, o		25,804	1,1	969	0	699	0	699	Revista_LIBRAS_2018/jan/11_00.f		69%	
608	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		5,525	131	569	0	129	0	129	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		12%	
609	não compreendiam muito bem o que é cultura surda, então aproveitei das		18,932	672	759	0	949	0	949	Revista_LIBRAS_2018/jan/11_00.f		94%	
610	singular, com uma identidade e uma cultura surda, é apagar a diversidade		27,374	1,2	209	0	959	0	959	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		95%	
611	ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA		5,603	132	409	0	129	0	129	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		13%	
612	Kozłowski, (...) a existência de uma cultura surda faz parte da educação		27,024	1,2	659	0	949	0	949	Revista_LIBRAS_2018/fev/18_00.f		94%	

Fonte: Produção do autor (2018).

Após essas etapas, fizemos uma filtragem dos termos com base em nossos objetivos de pesquisa, para que pudéssemos ser o mais fiel possível àqueles termos que são específicos da LIBRAS. Todas as áreas de estudos da LIBRAS foram contempladas, desde as teorias linguísticas às teorias biológicas, médicas, educacionais, etc. Em nossa filtragem, observamos a frequência dos termos, as especificações e os critérios de objetivo de nosso trabalho, caso o termo não se encaixasse em nenhuma destas filtragens, seria eliminado.

3.3 QUANTIFICAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS TERMOS COM BASE NAS FREQUÊNCIAS

Depois de ter utilizado o WST, copiamos os resultados obtidos através do programa em uma tabela no aplicativo *Microsoft Word*, com o intuito de quantificar as frequências de cada termo, com o intuito de facilitar a disposição destes no vocabulário em ordem linear e alfabética, conforme orienta Welker (2004), quando discute sobre a forma de como organizar um dicionário, glossário, vocabulário, etc., em plano macroestrutural. Assim organizamos: **Coluna 01**. Número do termo, **Coluna 02**. Termo e **Coluna 03**. Frequência no *corpus*, como é possível observar na Figura 09.



Nº	TERMO	FREQUÊNCIA NO CORPUS
01	Abordagem Bilingue	05
02	Abordagem Gestualista	01
03	Abordagem Oralista	04
04	Ação Macrosocial	01
05	Alfabetização de Surdo	06
06	Alfabetização Sinalar	01
07	Alfabetizador em Libras	01
08	Alfabeto Bimanual	03
09	Alfabeto Datilológico	01
10	Alfabeto Manual	57
11	Aluno Deficiente	05
12	Aluno Ouvinte	114
13	Aluno Surdo	830
14	Ambiente Inclusivo	02

Figura 09 – Tela da Listagem de Termos no aplicativo *Microsoft Word*

Fonte: Produção do autor (2018).



Feito isso, organizamos os termos compostos em língua portuguesa e alfabeto manual da LIBRAS em ordem alfabética. Após a filtragem, obtivemos 459 (quatrocentos e cinquenta e nove) termos e, ao todo, após tradução para o alfabeto manual/datilologia, temos o total de 918 (novecentos e dezoito) termos. A título de informação, não houve frequência de termos nas letras J – K – W – X – Y – Z.

3.4 ELABORAÇÃO DO VOCABULÁRIO: SELEÇÃO DE TERMOS E ASPECTOS ESTRUTURAIS

Inicialmente, o nosso objetivo com esse trabalho era para que pudéssemos produzir um glossário bem exaustivo com os termos simples e compostos da LIBRAS, escritos em língua portuguesa, em uso no meio científico brasileiro, filtrados em nosso *corpus* de pesquisa. No entanto, em virtude do tempo e das circunstâncias da vida, em observação a grandiosidade da proposta, precisamos fazer alguns recortes e, conseqüentemente, ajustar os nossos objetivos.

Nesse momento produção e planejamento, foi possível perceber que as mudanças transformaram a pesquisa para algo ainda melhor, mais propositivo e com objetivos claros e bem definidos. Essas mudanças nos fizeram compreender que estamos apenas a observar uma onda que se levanta em um imenso mar, em meio a muitas outras, que cresceu, aproximou-se, modificou sua forma e coloração, quebrou na praia e desfez-se em pequeninos grãos de areia (CALVINO, 1994).

Esses pequenos grãos de areia são os termos compostos da LIBRAS, que, imersos a muitos outros, se conectam à sua rede de sistema linguístico. Para que fosse possível coletá-los e separá-los em uma teia de conexão, mas



não desfeita/desprendida de seu sistema, precisamos delimitar alguns critérios, que serão melhores apresentados nas seções seguintes.

3.5.1 Seleção de termos para o vocabulário: filtrando os grãos de areia

“Foi em uma dessas línguas baixas de areia que o senhor Palomar escolheu como ponto de observação, porque as ondas nelas batem obliquamente de uma parte e de outra [...]” (CALVINO, 1994, p. 09).

A citação de Calvino vai ao encontro desse momento da pesquisa, quando precisamos filtrar os termos para a composição do vocabulário. Os termos compostos da LIBRAS são uma dessas línguas baixas de areia, e as ondas que batem nela constantemente são os diferentes contextos de escrita dos termos, necessários para compreender seus sentidos e usos.

Através dos termos compostos apresentados, a seleção/filtragem (ver Apêndice C) dos termos que compuseram o vocabulário ocorreu com base em 02 (dois) critérios, a saber: que tivesse, no mínimo, dez (10) frequências (ver Apêndice D) no *corpus*, e que apresentasse frequência de uso em, pelo menos, 11 (onze) revistas (ver Apêndice E).

A escolha do primeiro critério é justificada pelo fato de que este termo está presente em pelo menos 0,1% de todo o *corpus*. O segundo critério tem justificativa na quantidade de edições que constituem o *corpus* (22 revistas), sendo a quantidade de 11 a metade, ou seja, 50% das revistas.

Após a filtragem com base em ambos critérios, obtivemos o resultado de 459 (quatrocentos e cinquenta e nove) termos simples e compostos (Apêndice G). Divididos da seguinte forma: 144 (cento e quarenta e quatro) termos simples (termos-chave) e 313 (trezentos e treze) termos compostos.

Nesta sessão, apresentamos todo o nosso fazer metodológico através do que consideramos ser os nossos sistemas de interesses. Estão conectados pelo fato de partirem de um núcleo comum, a linguagem. A esse núcleo, ramificam-se redes que sustentam todo o trabalho. Algumas delas foram apresentadas sob a perspectiva prática, como foi o caso da linguística de *corpus*, com o WST. Outras, por sua vez, foram sendo desenhadas na medida em que tecíamos o fio captador de energia dessa rede: a lexicografia e a terminografia, que em suas orientações teóricas e metodológicas nos permitiu atribuir maior fortificação à sustentação de nossos objetivos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PRINCIPAIS RESULTADOS

A Terminologia, no campo terminográfico, ocupa-se em estudar e apresentar os termos especializados de determinadas áreas do conhecimento científico, técnico e tecnológico. Além disso, podemos também dizer que a Terminologia é uma ciência da linguagem, uma vez que toda e qualquer comunicação especializada utiliza do uso de termos.

Antes de ser considerada uma ciência da linguagem, na década de 60 a Terminologia foi compreendida como uma ramificação de estudo da Linguística Aplicada. Tal compreensão foi adotada e concebida por Eugen Wüster (1898-1977), através da Teoria Geral da Terminologia (TGT), tendo a Terminologia como área de caráter interdisciplinar, pois a linguagem está a serviço de diversas áreas especializadas da comunicação linguística.

Além de uma ramificação e disciplina teórica, a Terminologia é considerada hoje um essencial instrumento de orientação metodológica, que orienta na organização e elaboração de vocabulários, dicionários, glossários

especializados, etc., responsáveis pela apresentação terminológica de determinada área dos campos dos saberes.

Elaborar/organizar uma obra terminológica/terminográfica sobre um conhecimento em específico não é uma tarefa fácil e simples, uma vez que requer do terminógrafo/autor um bom domínio teórico e metodológico, em que constem o rigor científico-especializado e um bom repertório de termos referentes à área em que se está a estudar.

Seguindo estas orientações, no *Vocabulário Bilíngue de Termos Especializados da Língua Brasileira de Sinais*, obtivemos o como resultado o número de 918 (novecentos e dezoito) termos em Língua Portuguesa e LIBRAS (alfabeto manual/datilologia), cujo objetivo é auxiliar aos interessados na leitura e compreensão dos termos específicos da área, como também contribuir para os estudos da língua de sinais do Brasil na perspectiva terminológica.

Os estudos na área da LIBRAS tem crescido grandemente durante os últimos anos, daí a justificativa da importância deste trabalho. É também importante dizer sobre o pioneirismo deste trabalho, no qual foi possível produzir uma obra de referência especializada no campo dos estudos da LIBRAS, que muito contribuirá na visibilidade dos estudos surdos, na formação acadêmica e profissional dos interessados e leitores na área.

A justificativa para constituir o vocabulário de forma bilíngue está fundamentada em dois aspectos, a saber: 1. Os termos estão escritos e se estabelecem no uso em língua portuguesa no *corpus TER-LIBRAS*; e 3. O alfabeto manual da LIBRAS, através da datilologia, que é de uso acessível e de fácil compreensão para a comunidade surda.

Como já dito, a LIBRAS é uma língua recente, tendo a sua divulgação mais intensificada a partir da década de 80, com Ferreira-Brito (1980), Perlin (1987), Capovilla (1989) e Quadros (1992), alguns dos principais pesquisadores e teóricos da LIBRAS no Brasil. No início do século XXI estes autores foram



ainda mais notados em suas pesquisas e estudos, quando em 2002 e 2005 a LIBRAS ganhou, respectivamente, status de legalidade linguística e inserção como disciplina no currículo da educação superior brasileira.

Embora desde a década de 1980 sejam produzidos estudos, textos e pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento da LIBRAS, poucas são as obras que abordam ou apresentam o léxico/terminologia especializada, tornando, na maioria das vezes, os estudos incompreensíveis para quem inicia o seu trânsito e leituras na área em virtude da complexidade terminológica. Esta incompreensão e dificuldade de leitura se estende ainda mais quando os termos são compostos.

Respondemos, assim, aos dois questionamentos, apresentados na introdução deste texto, através deste vocabulário, uma vez que pesquisamos e encontramos os termos compostos em língua portuguesa em revistas científicas, produzidas em um período de 10 anos, de 2007 a 2017 (RVCS), sobre as mais diversas perspectivas de estudos da Língua Brasileira de Sinais. Com os termos achados, nos foi possível traduzi-los para os seus respectivos equivalentes em alfabeto manual/datilologia da LIBRAS. Com estes resultados, produzimos o vocabulário bilíngue (português-LIBRAS).

Esperamos que este vocabulário bilíngue, com 918 termos (Português – LIBRAS), possa contribuir para os estudos terminológicos da LIBRAS, uma vez que, em cenário nacional, ainda se constituem tímidos teoricamente e metodologicamente. Além disso, também é de nossa expectativa que este possa servir de material de leitura e consulta, tanto para quem está a iniciar seu trânsito nos estudos da LIBRAS, quanto para quem já estuda, é especializado e produz textos na área.



REFERÊNCIAS

ALBRES, N. de A. NEVES, S. L. G. De sinal em sinal: comunicação em LIBRAS para aperfeiçoamento do ensino dos componentes curriculares. São Paulo: FENEIS, 2008.

ALMEIDA, G. M. de B. A teoria comunicativa da terminologia e a sua prática. In: Alfa, São Paulo, 50 (2), p. 85-101, 2006.

BRASIL. Lei Nº 10.436. 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília – DF, abril de 2002.

BRASIL. Decreto de Lei Nº 5.626. 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília – DF, dezembro de 2005.

CABRÉ, M. T. Terminology: theory, methods and applications. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1999.

CABRÉ, M. T. Lá Terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, 1999.

CABRÉ, M. T. Theories of terminology: their description, prescription and explanation. Terminology, v. 9, n. 2, p. 163-200, 2003.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. Dicionário de Língua de Sinais do Brasil: a LIBRAS em suas mãos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

CALVINO, I. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.



FIGUEIREDO-GOMES, J. B. Termos-chave da gramaticalização segundo a perspectiva da linguística funcional. (Projeto de pesquisa PIBIC/CNPq). Departamento de Letras Vernáculas, Campus Avançado Prefeito Wálter de Sá Leitão, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Açu, 2014.

FIGUEIREDO-GOMES, J. B.; OLIVEIRA-JÚNIOR, L. V. A. Termos-chave da gramaticalização. Açu, RN: Edições UERN, 2015.

HAENSCH, G. La tipología de las obras lexicográficas desde el punto de vista de la Linguística Teórica. In: La Lexicografía: de la linguística teórica a la Lexicografía práctica. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. Introdução à terminologia: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LIRA, G. A.; SOUZA, T. A. F. de. Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais. Versão 2.0: 2005. Disponível em: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm. Acesso em 10 de julho de 2018.

PONTES, A. L. Dicionário para uso escolar: o que é e como se ler. Fortaleza: Eduece, 2009.

BERBER SARDINHA, T. Linguística de corpus. Barueri: Editora Manole, 2004.

SCOTT, M. WordSmith Tools. Oxford: Oxford, 2008.

TERMECAT. Centre de Terminologia: Metodologia del treball terminològic. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 1990.

WELKER, A. H. Uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

IDENTIFICAÇÃO DOS AUTORES

Victor Rafael do Nascimento Mendes



Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Graduado em Letras (habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas) pela mesma universidade. Especialista em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pela Faculdade Católica Nossa Senhora das Vitórias (FCNSV). Também é especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade do Complexo Educacional Santo André (FACESA). Supervisor de Educação Especial e Diversidade no sistema de ensino do Estado do Rio Grande do Norte, lotado na 11ª Diretoria Regional de Educação e Cultura (11ª DIREC). Membro do Grupo de Estudos Funcionalistas e o Ensino de Línguas (EFEL/UERN) e do Grupo de Pesquisa Sistêmica, Ambientes e Linguagens (SAL) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Tem interesse nas áreas: Linguística Funcional, Terminologia, Lexicografia, Linguística da LIBRAS, Cultura Surda e Políticas Públicas para a Educação Especial e Inclusiva.

E-mail: vrnmendes@gmail.com

João Bosco Figueiredo Gomes



Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará-UECE (1984). Especialista no Ensino de Português pela Universidade Federal do Ceará-UFC (1988). Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará-UFC (1999). Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará-UFC (2008). Estágio Pós-Doutoral em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente, é Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UERN). Orienta pesquisas na graduação e na pós-graduação. No Mestrado e no Doutorado em Letras, integra a linha de pesquisa Texto e construção de sentidos e desenvolve, respectivamente, as pesquisas: a) Estudos sobre gramaticalização segundo abordagens funcionalistas: termos, usos e ensino e b) Funcionalismo, gramaticalização e construção discursiva: preceitos teórico-metodológicos, análise de processos linguísticos, itens e construções lexicais e suas implicações para o ensino. É Coordenador do Doutorado Interinstitucional em Letras/DINTER em Letras (PPGL/UERN - IFSertão/PE), em Salgueiro/PE e em Pau dos Ferros/RN. É líder do Grupo de Pesquisa Estudos Funcionalistas e o Ensino de línguas-EFEL/CAWSL/ UERN, atuando nas linhas de pesquisa Descrição, ensino e aprendizagem de línguas e Estudos de termos técnico-científicos e de usos linguísticos. Tem publicações na área de variação e mudança linguística (gramaticalização), modalização discursiva; transitividade; organização do texto/discurso; Funcionalismo e ensino de língua materna; Ortografia; Terminologia.

E-mail: boscofigueiredo@gmail.com